

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

# OS CAMINHOS DA SOLIDÃO E DO AFETO EM TEMPOS DE PANDEMIA: MEMÓRIAS DOS IDOSOS DE TEFÉ-AMAZONAS

Thayline Carius Teixeira , Ana Claudeise Silva do Nascimento

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12788>

Submetido em: 2025-07-25

Postado em: 2025-07-28 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## **OS CAMINHOS DA SOLIDÃO E DO AFETO EM TEMPOS DE PANDEMIA: MEMÓRIAS DOS IDOSOS DE TEFÉ-AMAZONAS**

Thayline Carius Teixeira 1 (ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5448-1750>)

Ana Claudeise Silva do Nascimento 2 (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3068-1324>)

1 Afiliação: Thayline Carius Teixeira (Universidade Federal do Amazonas, Tefé, AM, Brasil)

2 Afiliação: Ana Claudeise Silva do Nascimento (Universidade Federal do Amazonas, Tefé, AM, Brasil)

### **RESUMO**

Este artigo analisa os impactos psicossociais da pandemia de COVID-19 em idosos do município de Tefé/AM, à luz de um enfoque qualitativo. Por meio de etnografia e entrevistas semiestruturadas com dez idosos, em 2024, frequentadores do Centro de Convivência do Idoso. Foi investigado os efeitos do isolamento social sobre o cotidiano, a saúde mental e as redes de cuidado. Os resultados revelam que a ruptura da rotina, a perda de autonomia e a diminuição das interações sociais intensificaram sentimentos de solidão, medo, tristeza e insegurança. A presença familiar, por outro lado, mostrou-se fator protetivo relevante. O estudo destaca a resiliência dos idosos diante das adversidades e evidencia como desigualdades estruturais acentuam a vulnerabilidade em contextos de crise sanitária. A análise contribui para o debate sobre envelhecimento, saúde mental e políticas públicas em territórios marcados por desigualdades sociais.

Palavras-chave: idosos, saúde mental, pandemia da COVID-19, Tefé/Am.

## **THE PATHS OF LONELINESS AND AFFECTION IN TIMES OF PANDEMIC: MEMORIES OF THE ELDERLY IN TEFÉ, AMAZONAS**

### **ABSTRACT**

This article analyzes the psychosocial impacts of the COVID-19 pandemic on elderly individuals in the municipality of Tefé, Amazonas, from a qualitative perspective. Through ethnography and semi-structured interviews conducted in 2024 with ten elderly participants attending the Elderly Social Center, the study explored the effects of social isolation on daily life, mental health, and care networks. The results reveal that the disruption of routine, loss of autonomy, and reduced social interactions intensified feelings of loneliness, fear, sadness, and insecurity. On the other hand, family presence emerged as a significant protective factor. The study highlights the resilience of the elderly in the face of adversity and shows how structural inequalities exacerbate vulnerability during public health crises. The analysis contributes to the debate on aging, mental health, and public policies in territories marked by social inequalities.

Keywords: elderly, mental health, COVID-19 pandemic, Tefé/AM.

## **LOS CAMINOS DE LA SOLEDAD Y EL AFECTO EN TIEMPOS DE PANDEMIA: MEMORIAS DE LOS ADULTOS MAYORES DE TEFÉ, AMAZONAS**

### **RESUMEN**

Este artículo analiza los impactos psicosociales de la pandemia de COVID-19 en personas mayores del municipio de Tefé/AM, desde un enfoque cualitativo. A través de etnografía y entrevistas semiestructuradas realizadas en 2024 con diez personas mayores que frecuentan el Centro de Convivencia del Adulto Mayor, se investigaron los efectos del aislamiento social sobre la vida cotidiana, la salud mental y las redes de cuidado. Los resultados revelan que la ruptura de la rutina, la pérdida de autonomía y la disminución de las interacciones sociales intensificaron sentimientos de soledad, miedo, tristeza e inseguridad. La presencia familiar, por otro lado, se mostró como un factor protector relevante. El estudio destaca la resiliencia de los adultos mayores frente a las adversidades y evidencia cómo las desigualdades estructurales acentúan la vulnerabilidad en contextos de crisis sanitaria. El análisis contribuye al debate sobre el envejecimiento, la salud mental y las políticas públicas en territorios marcados por desigualdades sociales.

Palabras clave: personas mayores, salud mental, pandemia de COVID-19, Tefé/AM.

### **1. Introdução**

Em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarava o COVID-19 como pandemia devido à disseminação em diversos países do vírus SARS-CoV-2, conhecido como coronavírus (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020)

Os dados informam que no Brasil cerca de 707.286 pessoas vieram a óbito e 38.022.277 foram contaminadas (Ministério da Saúde, 2023). Números expressivos que indicam o resultado catastrófico da proliferação da doença no país, que afetou de forma direta e indireta a população.

Com o avanço da doença, foi possível evidenciar que havia grupos que tinham maior risco de mortalidade, como: idosos e pessoas com comorbidades. Por essa razão, medidas públicas direcionadas pela OMS foram adotadas, com o intuito de diminuir os índices de contágio. O distanciamento social foi uma das ações estabelecidas por diversos países, assim como o uso de máscaras, álcool gel e a higiene constante das mãos (Silva, Azevêdo Viana, Lima, 2020).

Para além de maior suscetibilidade aos agravamentos da doença, os idosos também tiveram as relações sociais e familiares comprometidas, que afetou de forma direta o cotidiano e interferiu nos afazeres, na autonomia e nas formas de gerir as demandas diárias (citar fonte para a afirmação). É importante salientar que de acordo como Estatuto da Pessoa Idosa, o indivíduo é considerado idoso com idade igual ou superior a 60 anos (Brasil, 2003).

A pandemia rompeu as fronteiras geográficas e demonstrou o quanto o ser humano precisa de suporte e condições adequadas de acesso aos tratamentos, vacinas e apoio governamental para que os prejuízos socioeconômicos sejam menos danosos (Barros-Platiau; Schleicher, 2023). Porém, quando não há essa efetivação, a sociedade padece em diferentes âmbitos, principalmente aqueles que possuem maior vulnerabilidade social (Diesse, 2010).

Para Butler (2009) a vulnerabilidade emerge também da discussão sobre a precariedade da vida e a exposição à violência e à perda. Indivíduos que não são reconhecidos ou que são marginalizados pelas normas dominantes são frequentemente mais vulneráveis à violência simbólica, bem como à falta de apoio socio políticos, como foi evidenciado no período pandêmico.

A compreensão da definição da saúde pela perspectiva dos direitos humanos ressalta que o direito à saúde física e mental é direito fundamental de todos. Em que a saúde não significa apenas ausência de doenças, pois os fatores sociais, econômicos e ambientais influenciam no bem-estar e na qualidade de vida do ser humano (Pūras, 2014).

O reconhecimento da saúde mental como um direito fundamental está em consonância com a abordagem dos direitos humanos, que valoriza “o bem-estar emocional e social, bem como relações saudáveis e pacíficas entre indivíduos e grupos, fundamentadas na confiança mútua, na tolerância e no respeito à dignidade de cada indivíduo” (Pūras, 2014, p. 15).

Durante a pandemia, a maioria das medidas adotadas focaram em mitigar os impactos físicos do vírus, mas as consequências de longo prazo na saúde mental tornaram-se preocupações crescentes. Com o avanço da doença e a postergação do isolamento social, sentimentos como solidão, medo, tristeza e ansiedade começaram a comprometer a integridade psicológica dos indivíduos (Oliveira et al., 2021).

Os idosos foram considerados um dos grupos de maior vulnerabilidade durante a pandemia, devido à maior suscetibilidade a desenvolver formas graves da doença. O isolamento social foi uma medida intensificada para essa parcela da população, que gerou impactos importantes no ambiente, na rotina e nas relações sociais, que contribuiu para o aumento da solidão e tornando-os mais propensos a transtornos mentais (Oliveira et al., 2021).

Nesse sentido, para compreender de maneira mais localizada como esses efeitos se manifestaram, torna-se necessário contextualizar o cenário epidemiológico do município de Tefé, localizado no estado do Amazonas. Dados apontam que a população enfrentou altos índices de contágio e mortalidade devido à COVID-19, evidenciando uma vulnerabilidade ainda mais acentuada no contexto amazônico.

Uma estimativa conduzida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) indicou que aproximadamente 19,6% da população de Tefé foi infectada pelo coronavírus, correspondendo a cerca de 14 mil dos 61.453 habitantes do município à época (G1, 2020). Esses dados indicam uma letalidade de aproximadamente 0,33% em relação à população total (Ministério da Saúde, 2024). Esse quadro demonstra a magnitude da disseminação do vírus na região e reforça a relevância de investigar as repercussões desse evento na vida cotidiana, nas relações familiares e nas dimensões afetivas dos idosos atendidos pelo Centro de Convivência do Idoso.

Diante desse cenário de impactos sociais, emocionais e familiares provocados pela pandemia da COVID-19, este estudo tem como objetivo

compreender de que maneira os idosos residentes no município de Tefé/AM experienciaram os efeitos psicossociais desse contexto. A pesquisa parte do reconhecimento de que o envelhecimento em territórios marcados por desigualdades estruturais, como a região amazônica, torna essa população ainda mais vulnerável diante de situações de crise sanitária e isolamento social.

## **2. Metodologia**

O presente estudo foi desenvolvido no Centro de Convivência do Idoso - CCI, vinculado ao Sistema Único de Assistência Social – SUAS, e articulado com o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS I. A instituição atende cerca de 300 idosos cadastrados e em média 150 participam das atividades regularmente. O corpo técnico da instituição é composto por 33 funcionários, distribuídos entre as áreas administrativa, serviços gerais, saúde e assistência social.

A instituição é situada no município de Tefé que está localizado a 523 quilômetros de Manaus, capital do Amazonas. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2022) sua área territorial é de 23.704 km<sup>2</sup> e a população total é de aproximadamente 73.669 habitantes, estima-se que há 5.307 idosos entre 60 e 99 anos (IBGE, 2022).

A pesquisa de campo nos meses de outubro e novembro de 2024. Todas as observações realizadas foram registradas no diário de campo, contemplando aspectos como as atividades desenvolvidas, integrações, comportamentos e percepções vivenciadas.

O trabalho de caráter etnográfico foi estruturado em três complementares. A primeira etapa constituiu-se no registro das primeiras impressões e interpretações resultantes das observações feitas. O segundo desdobramento, desenvolveu-se análises detalhadas do cotidiano dos idosos no contexto do CCI. Por fim, foi realizada a coleta de narrativas dos idosos por meio das entrevistas semiestruturadas, possibilitando o aprofundamento qualitativo das informações e o acesso às memórias e percepções individuais.

Para essa etapa final do estudo, foram selecionados 10 idosos de 65 a 86 anos, entre eles 8 mulheres e 3 homens. A seleção ocorreu através de alguns critérios, como a participação na instituição antes da pandemia da

COVID-19, permitindo explorar percepções relacionadas a este marco temporal.

A coleta dos dados foi realizada de forma individual e voluntária, na instituição, com os dias e horários previamente agendados. Antes do início das entrevistas, foi entregue, em formato impresso, o Termo Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado pelos participantes. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o número de CAAE 80619524.1.0000.5016.

As entrevistas tiveram duração média de 45 minutos, a menor duração foi de 19 minutos e a maior de 47 minutos. Todo o material coletado foi transcrito e submetido a análise qualitativa detalhada. Com vistas à preservação do anonimato dos participantes e ao cumprimento dos princípios éticos da pesquisa, os nomes utilizados são fictícios.

O tratamento dos materiais coletados se deu pelo método da história oral, que buscou valorizar as memórias pessoais a partir da escuta atenta das trajetórias narradas, de modo a compreender as experiências vividas pelos idosos no contexto da pandemia e suas implicações para o convívio social e afetivo no ambiente institucional.

### 3. Resultados e Discussões

#### Quadro 1 - Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa

NOMES FICTÍCIOS	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL	FILHOS
<b>Sueli</b>	83	Fundamental incompleto	Agricultora	Viúva	7
<b>Dircelene</b>	68	Graduação em pedagogia	Professora	Casada	6
<b>Marli</b>	77	Fundamental incompleto	Agricultora	Viúva	10
<b>Cleuza</b>	65	Fundamental completo	Artesã	Viúva	3
<b>Marlene</b>	66	Ensino médio incompleto	Merendeira e agricultora	Casada	3
<b>Célia</b>	73	Fundamental incompleto	Agricultora	Viúva	3

<b>Ivana</b>	67	Fundamental incompleto	Serviços gerais e agricultora	Viúva	3
<b>Rene</b>	68	Fundamental completo	Pedreiro e agricultor	Divorciado	10
<b>José Carlos</b>	72	Fundamental incompleto	Marítimo e agricultor	Casado	7
<b>Paulo Maurício</b>	69	Não estudou	Gari	Solteiro	5

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, 2025.

A compreensão do perfil sociodemográfico dos participantes constitui etapa fundamental para interpretar de forma mais abrangente as narrativas produzidas e os sentidos atribuídos às suas experiências. A diversidade de histórias de vida, níveis de escolaridade, ocupações profissionais e arranjos domésticos dos entrevistados reflete não apenas a heterogeneidade do envelhecimento na Amazônia, mas também as distintas formas de enfrentar adversidades e reorganizar vínculos sociais em períodos de crise sanitária.

Nesse sentido, a seguir apresenta-se uma descrição detalhada das principais características sociodemográficas dos dez idosos que participaram da pesquisa, evidenciando aspectos que contribuem para o entendimento de suas memórias e das dinâmicas de convivência no CCI.

Do total de entrevistados, oito são mulheres e dois são homens. As idades dos entrevistados variam entre 65 anos e 83 anos. De acordo com os relatos coletados, 70% dos participantes foram infectados e 30% não contraíram a doença.

### **A Pandemia sob a perspectiva dos idosos: desafios e emoções**

As alterações psíquicas e comportamentais podem ocorrer por diversos motivos, especialmente durante grandes catástrofes, como foi o caso da pandemia da COVID-19, que teve grandes impactos na rotina da população, especialmente entre os idosos, pois afetou de forma significativa o cotidiano e a forma como eles se relacionam com o mundo (Silva, 2021).

Apesar do distanciamento social ter sido considerado como uma medida crucial para prevenir a disseminação da doença, ele também resultou em mudanças sociais que limitaram os contatos e a comunicação presencial. Isso

gerou em alguns idosos alterações comportamentais, como perda de autonomia e de interações familiares (Oliveira et al., 2021).

Os relatos coletados nas entrevistas contribuíram para a observação de como os idosos que residem em Tefé/AM e frequentam o Centro de Convivência, foram atravessados pela pandemia da COVID-19. As narrativas seguintes vão ao encontro de memórias armazenadas de um tempo de grande impacto psicossocial, mediante as vivências expressadas através da história oral (Xavier, et al 2020).

Ao serem perguntados sobre o que foi mais difícil durante a pandemia, foi observado três subgrupos, os primeiros 40% consideraram o isolamento social a parte mais difícil da pandemia. Os demais 40% identificaram os sentimentos de insegurança e medo da morte como os principais elementos, e 20% constataram que a dificuldade financeira foi o que eles relataram ser mais desafiadores. Adiante o relato da senhora Sueli de 83 anos representa o isolamento social como a parte mais desafiadora.

*“Eu ficava a maior parte do tempo lá sozinha no sítio, não tinha as minhas coisas, não tinha minhas amizades, não podia ir na igreja, eu só ficava lá, às vezes, sem ter nenhuma conversa. Eu fui perdendo é a vontade de fazer as coisas que eu fazia, eu gostava de costurar, mas aí não tinha minha máquina, tinha tempo que eu nem queria fazer nada da casa também, sabe? Eu nunca fiquei assim, preza não, sempre fiz minhas coisas sozinha”*

Ao explorar as nuances das narrativas, foi destacado a perda de autonomia, de rotina e o comprometimento nas relações sociais como peças fundamentais para a intensificação do sofrimento psíquico.

De acordo com Romero et al (2021), os idosos podem estar socialmente isolados sem se sentirem solitários e podem estar sozinhos sem isolamento social, mas ambas as situações prejudicam a saúde física e mental. Pecoits et al, (2021) relatam que o isolamento social e a solidão da população idosa são riscos para a saúde pública antes mesmo da pandemia, mas que foram intensificados a partir desse marco histórico. O prolongamento desses dois fatores, contribuiu para o comprometimento da saúde mental, no qual foi

considerado um fator atenuante para o aumento dos sinais e sintomas da ansiedade e da depressão na velhice.

A forma como os meios de comunicação televisivos divulgaram, de maneira constante e alarmante, os números de contágio e letalidade da COVID-19 gerou grande apreensão entre a população. Durante o período de isolamento social, o consumo de notícias por meio da televisão e das redes sociais passou a ocupar parte importante do tempo dos idosos que permaneceram em casa.

Nesse contexto, ao aprofundar a análise sobre os aspectos mais difíceis vivenciados durante a pandemia, identificou-se um segundo subgrupo composto por 40% dos entrevistados, que informaram que a insegurança e o medo da morte foram os elementos mais desafiadores durante esse período. Sentimentos que foram intensificados pelo excesso de informações recebidas diariamente e pelas experiências acumuladas ao longo da pandemia. O relato da senhora Ivana de 67 anos, ilustra essa percepção.

*“Não foi fácil não viu, lá perto de casa morreu um monte de gente. Morreu muita gente lá na rua de casa, uma tristeza. Foi minha prima, minha sobrinha, perdi outra prima. Foi só assim, não dava um mês, já chegava outra notícia, uma tristeza. Foi triste mesmo, porque eu me dava muito bem com elas, nós era muito unida. Eu nem fui mais lá na casa dela vê a filha dela, não tenho coragem de ir lá. Aqui do nosso grupo (CCI) também morreu um monte, toda hora vinha uma notícia, uns eu conhecia de vista, outros já era mais colega, mas para todos é como se a gente tivesse sofrido igual”.*

Ao analisar as histórias de vidas compartilhadas pelos participantes, observa-se que eles apontaram como principais dificuldades enfrentadas durante a pandemia da COVID-19 o medo relacionado a si mesmos e aos familiares, a insegurança, tristeza, preocupação constante e o luto. Essas perspectivas evidenciaram o comprometimento emocional na qualidade de vida dos idosos naquele momento.

Silva (2021) menciona que em determinadas situações os idosos passaram a viver em um estado de luto antecipado. Devido ao medo e à ansiedade em relação à perda de familiares ou até mesmo da própria vida, que

fomentaram a tristeza e incertezas associadas à pandemia e ao isolamento (Losada-Baltar et al., 2020).

Além de representar uma ameaça à vida, Romero et al. (2021) ressaltam que a pandemia pode ter intensificado a vulnerabilidade dos idosos, ao aumentar o risco de pobreza, perda de suporte social, trauma, estigma, discriminação e isolamento. Dentre os entrevistados, foi possível notar que a queda da renda per capita nos domicílios durante a crise sanitária foi ainda mais acentuada entre àqueles sem vínculo empregatício, que agravou à vulnerabilidade econômica dessa população.

Embora a vulnerabilidade seja uma condição universal, ela não ocorre de maneira igualitária. Pois suas causas e consequências são intensificadas em indivíduos que são politicamente desvalorizados, tornando-se mais expostos à violência e à negligência (Butler, 2009).

O terceiro subgrupo destacou como principal dificuldade enfrentada durante a pandemia a crise financeira. Cerca de 20% dos idosos indicaram esse fator como o mais desafiador vivido no período. O relato da senhora Marlene, de 66 anos, ilustra essa percepção.

*“Lá na minha casa ninguém estava trabalhando, eu trabalhava no colégio, mas me afastaram, porque eu era de certa idade. O meu marido trabalhava na obra, mas nessa época parou tudo, então o dinheiro que a gente tinha era dos bicos que ele fazia por aí, mas a gente passou muita necessidade. O que ajudou foi o auxílio e teve alguns meses que o prefeito mandou dar um rancho para as pessoas e às vezes eu pegava na igreja também. Foi o jeito que a gente deu para conseguir manter o que comer nesse tempo”.*

A prática do trabalho assume diferentes funções, que não se limitam apenas às questões financeiras. Por vezes ele proporciona aos idosos o senso de propósito, identidade, pertencimento social, autonomia e rotina. Por esta razão, a perda do emprego pode levar a sentimentos de inutilidade, isolamento e sofrimento psíquico, que pode contribuir nas desigualdades sociais, pois à maior dificuldade em suprir as necessidades socioeconômicas.

O comprometimento da rotina e da autonomia que são vivenciadas nessa fase da vida e que foram intensificadas no período pandêmico, são apontados

como elementos fundamentais de estudo. Pois Romero et al. (2021) destacam que a solidão é um fator relevante para a mortalidade e para o surgimento de condições clínicas adversas na velhice, como o declínio da capacidade funcional, que deve ser reconhecida como um grave fator de risco e um problema de saúde pública.

A solidão é relatada por diferentes autores que estudam sobre o envelhecimento humano, ela é considerada por muitos uma consequência da longevidade, porém, na verdade é proveniente de uma estrutura social etarista que segrega as pessoas pautadas pela idade, no qual descredibiliza e invalida as suas funcionalidades em um contexto sociocultural (Romero et al, 2021). Durante o período da pandemia essa demanda tornou-se mais evidente, o isolamento como medida preventiva fomentou aquilo que já era vivenciado em muitas residências, o sentimento de solidão.

Com o intuito de melhor compreensão sobre essa temática, foi perguntado aos idosos se eles sentiram solidão durante a pandemia, constatou-se que 50% não sentiram e 50% sentiram solidão, mesmo aqueles que residiam com os familiares. Foi analisado que esse fato ocorreu por alguns aspectos de acordo com as suas narrativas, como a ruptura com os demais grupos sociais, pelos filhos continuarem trabalhando e conseqüentemente passarem mais tempo sozinhos e ociosos. A fala do senhor Paulo Maurício expõe essa observação.

*“Nosso Deus, eu senti muita solidão sim, me senti muito sozinho. Por que a gente não estava com os nossos parentes, né? Nem com os nossos amigos, foi quase um ano desse jeito, eu não vi outras pessoas que não fossem os meus filhos”.*

Entre os idosos o sentimento de solidão foi manifestado de diferentes formas e intensidades, conforme evidenciado nos relatos. A impossibilidade de manter as interações sociais cotidianas, que iam além das relações do núcleo familiar, mostrou-se como ponto central. Deste modo, a experiência de solidão não foi homogênea, ela foi influenciada pela configuração familiar, pela rede de apoio preexistente e pela valorização do contato social presencial, que se mostrou insubstituível para o bem-estar emocional. Pois mesmo com o contato diário com os familiares os idosos reforçam esta percepção, o que aponta a

hipótese de que mesmo ao estarem acompanhados em determinados momentos, é possível que a atenção fornecida não tenha sido suficiente para suprir a ausência das demais pessoas.

Em relação aos outros 50% dos idosos entrevistados, esses relataram não ter experimentado essa sensação no período em questão. Em suas narrativas, destacam de forma recorrente a importância do apoio familiar como fator fundamental para atenuar ou mesmo prevenir o sentimento de solidão. Nesse sentido, a fala da senhora Célia ilustra de maneira expressiva essa percepção, ao afirmar que:

*“Até que não senti muito não, porque eu tinha o meu filho que mora comigo e minha neta ficava lá comigo também. Nesse tempo eu fui é ensinar minha neta a fazer umas comidas, ensinei ela a fazer uns artesanatos, eu gosto de pintar quadro, gosto de mexer com planta, aí eu ia ensinando ela. Eu nunca tinha ficado assim, sem sair não, eu gosto de tá nas coisas da igreja, aqui do centro, eu nunca fiquei parada não, só nesse tempo”.*

O quadro a seguir apresenta uma análise comparativa dos principais elementos identificados nas narrativas dos dois grupos: os que sentiram ou não solidão.

## **Quadro 2 - Análise comparativa entre os idosos que sentiram ou não solidão durante a pandemia**

<b>CATEGORIA</b>	<b>GRUPO QUE SENTIU SOLIDÃO</b>	<b>GRUPO QUE NÃO SENTIU SOLIDÃO</b>
<b>Arranjo familiar</b>	Predominância de indivíduos morando sozinhos (Rene, Marli) ou sentindo falta de interações para além do núcleo familiar, mesmo morando com cônjuge ou filhos (Dircelene, Cleuza, Paulo Maurício, Sueli) . A qualidade e a diversidade das interações parecem ser um fator chave, não apenas a presença física.	Presença constante e interação significativa com cônjuges, filhos e/ou netos no mesmo domicílio (Marlene, José Carlos, Célia, Ivana). A dinâmica familiar e o envolvimento em atividades conjuntas parecem ter suprido a necessidade de companhia e interação social.
<b>Rede Social Extrafamiliar</b>	Intensa valorização e falta sentida do contato com amigos, vizinhos, colegas de trabalho e membros de grupos sociais (igreja, centro de convivência). A impossibilidade de manter essas interações presenciais foi apontada como uma causa significativa de solidão.	Embora a falta de amigos e colegas possa ter sido sentida (como mencionado por Seu José Carlos e Dona Célia), a intensa interação familiar parece ter compensado essa ausência, evitando o sentimento de

		solidão. Pois o foco estava mais nas relações familiares.
<b>Qualidade das Interações</b>	Mesmo quando havia presença familiar, a falta de conversas significativas com outras pessoas (além do núcleo familiar) ou a sensação de que as interações não eram suficientes para suprir a necessidade de convívio social pleno contribuíram para a solidão. A comunicação remota foi valorizada, mas não supriu o contato presencial.	As interações familiares foram descritas como positivas e engajadoras, envolvendo conversas, atividades compartilhadas e apoio mútuo. Essa qualidade do convívio dentro de casa parece ter sido fundamental para evitar a sensação de isolamento.
<b>Rotina e Atividades</b>	A interrupção da rotina social habitual (sair, encontrar amigos, participar de grupos) e a perda de atividades prazerosas realizadas fora de casa (ir à igreja, ao centro de convivência e trabalhar) contribuíram para o sentimento de solidão.	A adaptação à rotina dentro de casa, com o desenvolvimento de atividades conjuntas e o envolvimento em novos aprendizados (como Célia ensinando artesanato à neta), ajudaram a preencher o tempo e a manter um senso de propósito, mesmo com a restrição das atividades externas.

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, 2025.

O estudo comparativo realizado destaca que o principal fator que diferencia os dois grupos de idosos reside na satisfação e na qualidade das interações familiares e extrafamiliares. A análise minuciosa das narrativas teve como intuito evidenciar a diferenciação entre as características de cada subgrupo, que foi fracionado naturalmente em dois grupos opostos e com o mesmo quantitativo de integrantes.

A pesquisa também buscou averiguar como a pandemia afetou a saúde mental dos idosos, ao serem perguntados de forma específica a esse respeito. Foi identificado que dentre os idosos entrevistados, 20% responderam que não houve impacto e 80% responderam que sim, ambos os grupos explicaram a fundamentação das suas respostas a partir das suas vivências.

Os idosos percebem os impactos da pandemia de diferentes formas, ao serem perguntados especificamente sobre a saúde mental, a senhora Marlene e o senhor Paulo Maurício relataram que não perceberam alterações na saúde mental em si, e sim nas condições socioeconômicas. É possível que eles tenham considerado esse aspecto mais predominante e que o impacto emocional tenha ocorrido sutilmente.

Os demais idosos, que representam 80% do grupo entrevistado, afirmaram que a pandemia afetou a saúde mental. Adiante está descrito o relato da senhora Ivana que ilustra esse dado supracitado.

*“Menina, afetou muito mesmo, porque eu não fiquei mais aquela pessoa alegre. De vez em quando eu ainda fico naquela tristeza, como eu falei, não fiquei mais tão alegre não. Foram muitas perdas, sabe? Bate saudade dos meus vizinhos lá perto de casa, das minhas primas e é uma coisa que não tem jeito não, porque eles não vão voltar, né? Foi muita tristeza, muita perda, eu vi assim que depois eu não fiquei mais naquela animação não, tem dia que eu ainda fico assim meio triste, foi muita gente num tempo só. Eu não aguentava mais olhar na televisão aquele montueiro de gente morto, era o dia todinho isso”.*

De acordo com a interpretação dos dados, foi observado que alguns idosos apresentaram mais de uma emoção a respeito desta temática. A tristeza foi um sentimento predominantemente relatado por 50% dos idosos, assim como o medo também foi citado por 50% dos entrevistados, a preocupação foi identificada 30%, a saudade foi mencionada por 20% e a ansiedade foi mencionada por 10% dos pesquisados.

Ao correlacionar as emoções predominantes identificadas com o contexto multifacetado da pandemia, torna-se mais claro o impacto desse período na saúde mental dos idosos. Em um cenário marcado por incertezas quanto à evolução da doença e inseguranças em relação à saúde e ao futuro, a tristeza emergiu como uma emoção central. Esse sentimento aparenta ter sido intensificado pelo isolamento social, pela perda da rotina, pela diminuição da autonomia nas atividades diárias e o luto de entes queridos. De forma similar, o medo se manifestou profundamente, impulsionado pela ameaça do contágio, pela apreensão da morte e pela crescente insegurança financeira decorrente da vulnerabilidade socioeconômica vivenciada. A preocupação com a saúde e o bem-estar da família, assim como as incertezas, foram destaques como fatores de sofrimento psíquico.

## **A compreensão dos idosos sobre o cuidado familiar em tempos de pandemia**

A pandemia contribuiu de forma significativa para o agravamento do abandono afetivo em diferentes contextos nacionais. O distanciamento dos pares, o recolhimento em suas casas e a falta de contato social, cujo contexto restringiu as visitas familiares em prol da segurança física, fizeram com que a segurança emocional deixasse de ser prioridade (Lorenzo et al., 2020).

A ausência de afeto nas relações familiares agrava os conflitos internos. O abandono afetivo, definido pela falta de cuidado e afeição entre os membros da família, gera sentimentos de rejeição, insegurança e ressentimento, enfraquece a confiança mútua e dificulta a resolução pacífica das divergências.

Foi observado que no contexto familiar dos idosos desta pesquisa, 90% deles relataram ter recebido apoio familiar durante a pandemia. Esse dado foi reafirmado a partir das análises das narrativas que constataram que os filhos foram os principais responsáveis por suprir as tarefas externas da casa, como idas aos mercados, feiras, farmácias, aos cuidados à saúde e de resolução das pendências bancárias e econômicas.

A narrativa subsequente representa a experiência do senhor Paulo Maurício frente às suas observações do apoio que recebeu no período da pandemia da COVID-19, que se assemelha as narrativas dos demais entrevistados.

*“Sim eu tenho os meus filhos que moram comigo, eles ficaram trabalhando, mas cuidaram de mim a todo momento, eles nunca me desampararam. Eu sempre fui um pai que trabalhou muito, eu trabalhava de gari, mas eu sempre estava perto dos meus filhos, para dar um passeio, para resolver as coisas da vida deles. Agora eu tô aqui velho e eles nunca me desamparam. O meu mais novo chega no quartel e já pergunta, “papai o senhor já tomou seu remédio, já almoçou?” Todo dia ele confere tudo meu, vê o dia dos médicos, dos exames, ele e os irmão dele são uma bênção na minha vida e assim foi a todo tempo”.*

Evidenciou-se, por meio desta análise, que 90% dos participantes declaram ter sido beneficiados pelo suporte dos filhos no enfrentamento das necessidades que demandavam deslocamento externo durante o contexto pandêmico. Apenas a senhora Marlene relatou que não recebeu suporte e que

ela foi a responsável por suprir essas demandas, os demais idosos tiveram respostas muito semelhantes à do senhor Rene a esse respeito.

*“Assim, não passei tanta dificuldade como eu pensei não, porque os meus filhos todos os dias estavam lá na minha casa, batiam lá, eu atendia eles. Eles diziam, “papai se precisar de alguma coisa o senhor diga, hein?”. “Eles compravam de tudo para mim, eu não saía de casa não. E eles diziam que não era para sair, eles comprava com o dinheiro deles mesmo, até hoje eles fazem isso. São muito bons os meus filhos, graças a Deus!. Um vem dali e ajuda, o outro vem dali e ajuda, sempre assim”.*

Compreende-se que nem todas as famílias têm os mesmos modos de funcionalidade e de suporte sociofamiliar. A realidade do Brasil é heterogênea, os fatores sociais, culturais, econômicos e educacionais contribuem para a diversidade. No entanto, a pesquisa de campo constatou que 90% dos entrevistados tiveram auxílio dos filhos no período pandêmico. Assim como eles também contribuíram de forma ativa para a manutenção das demandas familiares, de acordo com as possibilidades.

### **A percepção dos idosos a respeito do período pós-pandêmico**

Compreender a saúde mental dos idosos no período pós-pandêmico implica reconhecer que eles podem apresentar consequências psicológicas e sociais em diferentes intensidades. Unicovsky et al, (2023) ressaltam que os efeitos da pandemia estão relacionados com as condições socioeconômicas, uma vez que as desigualdades sociais aumentam os níveis de vulnerabilidade desses grupos.

Nesse contexto, o período pós-pandemia pode ser vivenciado pelos idosos de formas distintas, marcado por elementos comuns como o isolamento, perda de autonomia e as mudanças de rotina. A forma como eles interpretaram essas vivências e as dificuldades presentes, assim como, a percepção após esse período é subjetiva, pois está diretamente relacionada à forma como percebem e significam a própria vida.

Nesse sentido, ao buscar compreender de que maneira os idosos percebem o período pós-pandemia da COVID-19, mesmo cinco anos após o seu início, os dados revelam, de forma unânime, que os entrevistados não precisaram continuar recebendo suporte dos seus familiares no pós-pandemia. Essa constatação sugere a recuperação da autonomia e da independência dos participantes.

Foi averiguado ainda se houve perda de interesse em atividades prazerosas após a pandemia, e foi constatado que 70% dos entrevistados relataram que não perderam o interesse e retornaram a fazer todas as atividades que gostavam antes da pandemia, o que demonstra que nesse aspecto não houve impacto do isolamento social na realização das tarefas que lhe proporcionam bem-estar. Desta forma, os demais 30% relataram que perderam o interesse em determinadas atividades, como costurar, atividade de lazer, ir ao mercado realizar as compras mensais, e desânimo em manter as relações sociais.

Em relação as mudanças ocorridas em suas vidas após o período pandêmico, metade dos idosos relataram pontos negativos relacionado a ansiedade, tristeza, luto, preocupação e o medo como elementos centrais de mudanças em suas vidas após a pandemia. A senhora Cleuza explicou suas observações de forma negativa que:

*“Olha, o que mudou assim depois disso foi a tristeza, muita tristeza. Por que eu perdi o meu irmão na pandemia, né? Ele estava com COVID, tratou e tudo; mas não teve jeito não, não conseguiu se recuperar. Então essa tristeza nunca vai passar, o meu irmão nunca que vai voltar, eu não pude nem me despedir. Teve também outras perdas de conhecidos, parentes e amigos. Eu fiquei assim, muito triste, eu procuro não pensar nessa tristeza, porque não faz bem para a minha idade, mas não é fácil não”.*

A outra metade relataram aspectos positivos sobre esse período, apontaram reflexões a respeito da alegria em voltar a rotina, retomar a autonomia, ao ter mais contato com a família, com a possibilidade de viajar e ter tempo de qualidade, assim como o restabelecimento da situação socioeconômica. O relato do senhor José Carlos representa essa concepção:

*“Nessa época eu ligava muito para o trabalho, né? não ligava muito para lazer. Aí na pandemia eu mudei o sistema que eu vivia, eu acho assim, que ela veio para ensinar a gente um pouco. Ensinou a gente a ter respeito pelas pessoas, ensinou que o dinheiro não garante tudo, não garante a vida da gente. Nós somos todos iguais, acho que isso que a gente aprendeu. O dinheiro ajuda, mas ele não compra ajuda, não compra saúde, não compra a vida”.*

A análise comparativa nesse subgrupo representa uma mudança de perspectiva sobre o impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos idosos no período pós-pandêmico. Esses fatores não minimizam o sofrimento psíquico vivido durante a pandemia, mas demonstra a capacidade de resiliência e adaptação dos idosos em momentos de adversidade. A valorização da autonomia, da rotina e do contato familiar e social demonstra a habilidade de encontrar bem-estar após um período difícil.

#### **4. Considerações Finais**

Em suma, esse estudo identificou as diferentes maneiras que a pandemia da COVID-19 impactou o cotidiano, o bem-estar, a qualidade de vida e a saúde dos idosos. De acordo com os relatos coletados e as análises estabelecidas, torna-se evidente que o isolamento social, a ruptura da rotina e da autonomia foram elementos cruciais para o aumento do sofrimento psíquico. Fatores que foram identificados a partir dos prejuízos e das emoções latentes durante e após esse período, como tristeza, ansiedade, medo, solidão e insegurança.

Os dados revelam a relevância das redes de apoio familiar como fatores protetivos em circunstâncias adversas, especialmente nos cuidados práticos e afetivos. Ainda que os impactos emocionais tenham sido significativos para grande parte dos entrevistados, a resiliência e a capacidade de readaptação se destacaram como aspectos fundamentais. Muitos idosos retomaram de forma prazerosa as suas atividades no período pós-pandêmico.

**Declaração de conflito de interesse:** Os autores declaram que não há conflito de interesse a ser declarado neste estudo. No entanto, [autor

Thayline Carius Teixeira recebeu financiamento da empresa Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior para realizar esta pesquisa.

### Contribuição de autoria

**Thayline Carius Teixeira:** Conceituação, Curadoria de Dados, Análise Formal, Escrita – Rascunho Original.

**Ana Claudeise Silva do Nascimento:** Supervisão, Análise Formal, Escrita – Revisão e Edição.

## 5. Referencias

BARROS-PLATIAU, A. F.; SCHLEICHER, R. T. *Saúde planetária: os nexos entre saúde, clima e segurança*. Soberania e Clima, Brasília, v. 2, 2023. ISSN online 2764-9717.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

G1 AM. *Pesquisa aponta que em Tefé, no AM, 12 mil já contraíram Covid-19; 2ª maior proporção do país*. G1, 25 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/05/25/pesquisa-aponta-que-tefe-no-am-tem-mais-de-40-mil-infectados-pela-covid-19-2a-maior-proporcao-do-pais.ghtml>. Acesso em: 11 ago. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Tefé – Código: 1304203. Censo Demográfico 2022*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/tefe.html>. Acesso em: 27 jul. 2024.

LORENZO, Deivid Carvalho; SAMPAIO, Luísa Dantas; GONÇALVES, Victória Cristina Andrade. *Idoso e família em tempos de pandemia: o abandono afetivo inverso e seus efeitos no âmbito da responsabilidade civil no direito brasileiro contemporâneo*. Anais da 23ª Semana de Mobilização Científica – SEMOC, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). *COVID-19*. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19.html/covid-19.html.html>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). *Painel Coronavírus*. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OMS caracteriza COVID-19 como pandemia. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 2 jul. 2024.

PECOITS, Roberta Vieira et al. O impacto do isolamento social na saúde mental dos idosos durante a pandemia da Covid-19. *Revista da AMRIGS*, Porto Alegre, v. 65, n. 1, p. 101–108, jan.–mar. 2021.

PŪRAS, Dainius. CONSEJO DE DERECHOS HUMANOS (ONU). *Promoción y protección de todos los derechos humanos, civiles, políticos, económicos, sociales y culturales, incluido el derecho al desarrollo: informe del Relator Especial sobre el derecho de toda persona al disfrute del más alto nivel possível de salud física y mental (A/HRC/29/33)*. 2014. Disponível em: <https://undocs.org/es/A/HRC/29/33>. Acesso em: 22 jan. 2025.

ROMERO, D. E. et al. Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 3, e00216620, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00216620>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SILVA, José Aparecido. *Impactos da pandemia da Covid-19 na saúde mental*. Ribeirão Preto, SP: Escrita Livros, 2021.

SILVA, Marciele de Lima; AZEVÊDO VIANA, Suely Aragão; LIMA, Patrícia Tavares. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: estudo com idosos em contexto urbano. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 9, n. 2, p. 25–34, 2020.

UNICOVSKY, M. A. R. et al. Saúde do idoso no pós-pandemia: estratégias de enfrentamento. In: SANTANA, R. F. (Org.). *Enfermagem gerontológica no cuidado do idoso em tempos da COVID-19*. Brasília, DF: Editora ABEn, 2021. (Série Enfermagem e Pandemias, 5). <https://doi.org/10.51234/aben.21.e05.c23>

LOSADA-BALTAR, A. et al. Differences in anxiety, sadness, loneliness and comorbid anxiety and sadness as a function of age and self-perceptions of aging during the lock-out period due to COVID-19. *Revista Española de Geriatria y Gerontología*, v. 55, n. 5, p. 272–278, 2020.

XAVIER, A. R.; MUNIZ, K. R. de A.; SANTANA, José R.; CARNEIRO, Daniel L. M. História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. **Revista Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1–16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i1.3802>. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo>. Acesso em: 9 maio 2025.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.